



Mulheres da Volta e as plantas medicinais: tecendo processos de auto-organização comunitária na Chapada Diamantina-Bahia.

Volta's women and medicinal plants: weaving processes of community self-organization in Chapada Diamantina-Bahia.

ARGOLO, Kriscia¹; ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva²; SANTANA, Gabriela Amorim de³; NETA, Maria Marciel de Souza⁴; ARAÚJO, Ana Claudia Porfiro de⁵; CARVALHO, Maria do Amparo Gomes⁶

¹UFRPE. E-mail: kriscia.argolo@ufrpe.br, ² UFRPE. E-mail: horasa.silva@ufrpe.br, ³ E-mail: gabrielaamorim.s@gmail.com, ⁴APRUVA, E-mail: mariamacieldesouzaneta@gmail.com, ⁵APRUVA, E-mail: anacaraujo100@gmail.com; ⁶UNEB, E-mail: mocinhagcarvalho@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo:As mulheres e seus saberes ancestrais foram marginalizadas no decorrer da história da humanidade. Embora as práticas de cuidado sejam invisibilizadas, é o trabalho não remunerado e invisibilizado das mulheres na manutenção da vida e no cuidado dos seres que garante a estrutura capitalista atual. Esta pesquisa aqui apresentada se configura como uma pesquisa militante de abordagem qualitativa, em que se utilizou o DRP com a dinâmica de *linha do tempo*, o Círculo de Cultura e a análise documental. Desta maneira, o objetivo deste trabalho é registrar a experiência do Coletivo de Mulheres Camponesas da Volta, no município de Lençóis, Bahia, com as plantas medicinais e a relação desta movimentação com o processo de auto-organização comunitária. Pode-se concluir que, para além de partilhar saberes sobre a saúde, se constroem elos comunitários que nos remetem ao modo de vida camponês e potencializam o protagonismo das mulheres como sujeitos políticos na defesa dos territórios.

Palavras-chave: Mulheres camponesas; plantas medicinais; soberania.

Introdução

As plantas estão presentes há mais tempo do que a humanidade na Terra. Num processo de coevolução, são seres interdependentes para manutenção da vida no planeta. A relação com as plantas permeia as memórias, os saberes e fazeres, principalmente, das mulheres em resistência. E assim, é considerada uma temática importante para fazer emergir processos organizativos em defesa dos territórios a partir de grupos de mulheres e contemplando suas práticas e conhecimentos.

As práticas de saúde que utilizavam as plantas medicinais como base do processo foram marginalizadas paralelamente ao avanço do capitalismo (FEDERICI, 2017). Monetizar os saberes, é também expropriá-los dos povos que os construíram, na concepção sistêmica de ser interligada à natureza.



Diante disto, estrategicamente, as mulheres e seus saberes ancestrais foram marginalizadas no decorrer da história da humanidade. Embora as práticas de cuidado sejam invisibilizadas, é o trabalho não remunerado e invisibilizado das mulheres na manutenção da vida e no cuidado dos seres que garante a estrutura capitalista atual (FEDERICI, 2017; VERGÈS, 2020; GONZALEZ, 2020).

Neste sentido, é no desejo de ruptura com este ciclo de morte, que é válido registrar a potencialidade desta temática para articular mulheres em seus territórios nos processos de auto-organização. Nestes, para além de partilhar saberes sobre a saúde, se constroem elos comunitários que nos remetem ao modo de vida camponês e potencializa o protagonismo das mulheres como sujeitos políticos.

Desta maneira, o objetivo deste trabalho é registrar a experiência do Coletivo de Mulheres Camponesas da Volta, no município de Lençóis, Bahia, com as plantas medicinais e a relação desta movimentação com o processo de auto-organização comunitária.

Metodologia

O Coletivo de Mulheres Camponesas da Volta insere-se na Associação dos Produtores Rurais da Volta do Américo, uma associação mista, de maioria de mulheres, fundada em 2002. Localizada na comunidade Volta do Américo, distante 50 km da sede do município de Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia. O coletivo se integra ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), desde 2020.

Em meio à floresta, na beira do rio, a comunidade se encontra numa área de transição entre caatinga e cerrado. O clima da região possui estações bem marcadas com variações fortes de temperatura, chegando a mais de 30°C no verão e até 8°C no inverno (IBGE, 2010).

Esta pesquisa aqui apresentada se configura como uma pesquisa militante de abordagem qualitativa, em que se utilizou o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com a dinâmica de *linha do tempo* (VERDEJO, 2010) para sistematizar a experiência das mulheres com as plantas medicinais. Através desta, foram registradas datas e ações importantes em um processo de memória coletiva.

E, por meio do Círculo de Cultura, algumas reflexões foram construídas para avançar no trabalho coletivo para manutenção da vida no ciclo de continuidade em relação às plantas medicinais. Atualmente, a comunidade destaca-se na região por vivenciar processos de organização comunitária na consolidação da Agroecologia no território (SANTOS, 1985) protagonizados por mulheres camponesas.

Além disso, realizou-se uma análise documental (BARDIN, 1977) nos arquivos privados do coletivo, como atas e listas de presença das atividades realizadas no período sinalizado pela linha do tempo, dando ênfase aos elementos que envolvem relação com as plantas medicinais.

Resultados e Discussão

A construção coletiva da linha do tempo (FIGURA 1) provocou várias reflexões no coletivo de mulheres. Primeiro, pensar na quantidade de momentos que foram



construídos ao longo do período (2015-2023) envolvendo a temática das plantas medicinais, totalizando 15 ações. Dentre as temáticas paralelas, pode-se perceber a saúde popular, o uso terapêutico da erva medicinal e a comercialização da mesma como central. Além disso, a troca de plantas e conhecimentos se apresentam de maneira problematizadora na construção do processo organizativo.

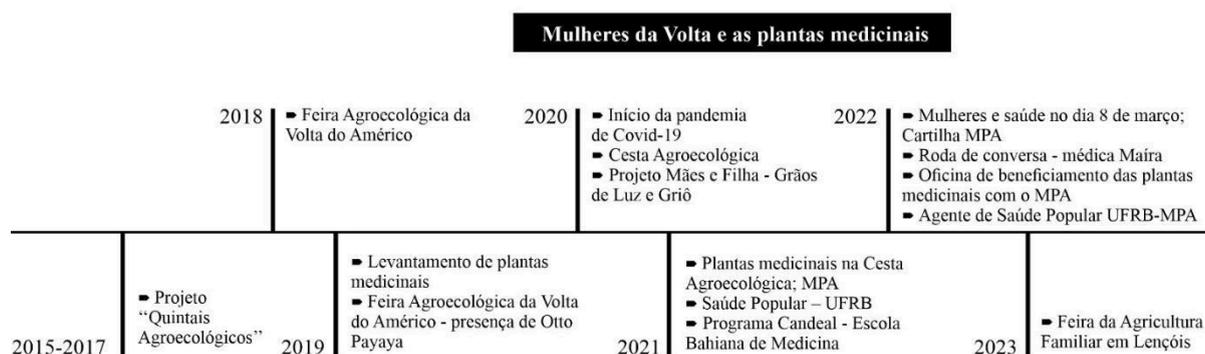


Figura 1 - Linha do tempo: mulheres da Volta e as plantas medicinais. Fonte: Autoras, 2023.

Os quintais se apresentam como espaço de manutenção da vida, constituídos por espécies de plantas diversas, dentre elas as plantas medicinais. São amostras de processos coevolutivos com grande biodiversidade (SOUZA; ALMADA, 2017). Usadas para fins terapêuticos, as plantas medicinais foram inicialmente comercializadas na Feira Agroecológica da Volta, entre 2018 e 2019. Em conjunto à escola local e à associação, esta feira estabeleceu-se como tática para problematizar o processo de transição agroecológica. E além da venda, compra, troca e doação de mercadorias, se caracterizou como espaço de troca de conhecimentos.

É válido ressaltar que a presença de Otto Payayá _ erveiro e raizeiro do povo Payayá, ocupantes originários do território da Chapada Diamantina _ numa das feiras realizadas, foi identificada pelo coletivo de mulheres como acontecimento importante para ser registrado na linha do tempo. Este contato permitiu o acesso a informações sobre o uso das plantas e também ativou o arsenal mnemônico (TOLEDO, 2015) de parte do grupo.

Válido dizer que o coletivo de Mulheres Camponesas da Volta nasce em meio a pandemia como estratégia de auto-organização para geração de renda. Entre 2020 e 2022, foram realizadas várias atividades coletivas, dentre elas a Cesta Agroecológica da Volta, através da qual foram comercializadas toneladas de alimentos agroecológicos que eram entregues na zona urbana do município de Lençóis.

Ao analisar os formulários de comercialização utilizados neste período (2020-2022), identificaram-se mais de 90 produtos diferentes, dentre os quais as plantas medicinais tiveram destaque. Foram comercializadas *in natura*, como mistura de ervas (cinco espécies, acompanhada de informações de uso terapêutico), mudas e, posteriormente, as plantas medicinais desidratadas.



Esse percurso demonstra o potencial das plantas medicinais como fonte de geração de renda. E, nesta dinâmica, pode-se perceber que a troca de conhecimentos se evidencia, as ervas são trocadas ou doadas entre as mulheres para fins terapêuticos e, junto com as plantas, os conhecimentos tradicionais de cuidado com a saúde são circulados.

Além disso, é a partir da temática de plantas medicinais que um grupo de mulheres do território da Chapada Diamantina inicia diálogos virtuais durante a pandemia da COVID 19. Dentre as mulheres presentes, algumas pertenciam à comunidade da Volta. Naquele momento, sentiu-se a necessidade de um amparo político. Dentre várias temáticas apresentadas, a partilha da experiência de Rondônia com a homeopatia popular por Isabel Ramalho foi essencial para nos firmarmos enquanto Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). E, assim, “a regional do MPA na Chapada Diamantina nasceu também sob as bênçãos e com a guiança das plantas medicinais” (MPA, 2021, p. 23).

Esta não seria, aliás, a primeira experiência de coletivo que se organiza enquanto MPA tendo como ponto de partida as plantas medicinais (CHIMINI, 2021). É sabido o papel central da mulher na economia do cuidado, ocupando as funções não-remuneradas de cuidado (GONZALEZ, 2020; FEDERICI, 2017; VÈRGES, 2020), o que explica, em parte, o porquê de o uso das ervas de cura serem assunto tão feminino. Barbara Ehrenreich e Deirdre English (1973), em seu já clássico estudo *Bruxas, Parteiras e Enfermeiras*, traçam um histórico importante dessa relação entre mulheres e plantas medicinais que nos ajuda a entender esse entrelaçamento e seu papel político na resistência feminina e feminista. As autoras, a partir de uma perspectiva europeia, contam como os ofícios de cura e parteira eram tidos como “coisas de mulher” até o surgimento da medicina moderna – processo que coincide com o início da caça às bruxas na Europa.

Ainda de acordo com Ehrenreich e English (1973), na Europa feudal, até aproximadamente o século XIV, entre as camadas populares, era papel das mulheres conhecer sobre plantas medicinais, seus usos e cultivos e, principalmente, sua aplicação no cotidiano. Os seus usos no parto, contracepção e interrupção de gravidezes, mas não só isso. Desde então, o ofício de parteira e curandeira costumava se confundir em um só.

Nos séculos a seguir, com o surgimento da medicina moderna, que tomou esse conhecimento das mãos das mulheres camponesas e o entregou aos homens-médicos, as curandeiras e parteiras foram tomadas por bruxas, queimadas nas fogueiras e, na modernidade, esse conhecimento foi colocado em um lugar subalternizado. Não é de se estranhar, portanto, que ainda hoje organizações de mulheres camponesas surjam a partir de um interesse comum sobre cultivo e uso de plantas medicinais. Após tantos séculos de criminalização¹, apropriação e espoliação do conhecimento feminino sobre o uso das plantas para o cuidado, a memória cultivada por mulheres sobre essas ervas se configura como ato de resistência, “insubordinação-memória” (VERGARA SÁNCHEZ, 2022).

¹ Até hoje, o Código Penal brasileiro, em seu art. 283, traz a tipificação de curandeirismo, como ato enganatório que atenta contra a saúde pública. Esta tipificação, não raro, é usada para ameaçar e mesmo processar mulheres erveiras de norte a sul do país.



Esta insubordinação-memória está na raiz da organização de grupos de mulheres como as agricultoras da Volta, as mulheres de Rondônia, como Isabel Ramalho, que participaram da fundação do MPA, e as camponesas do Rio Grande do Sul, relatadas por Letícia Chimini (2021). Em comum, além de construírem um movimento popular camponês, todas elas partem do mesmo ponto: cultivo e uso das plantas medicinais como forma de se reconhecer enquanto grupo. Outrossim, a experiência realizada pelas agricultoras/experimentadoras do Agreste da Paraíba, a partir do projeto “O arredor de casa” demonstra que as mulheres foram protagonizando processos inovadores de organização social e política, a partir da lida com as plantas medicinais (AS-PTA, 2011).

É válido dizer que as mulheres envolvidas neste coletivo realizam há mais de dez anos encontros no Dia Internacional das Mulheres, sendo que, a cada ano, um grupo fica responsável pela mobilização e organização deste. Em 2022, o evento integrou-se à Escola Feminista do MPA. E, na programação, foi incluída uma roda de conversa com a temática *Ervas Medicinais e Mulheres* com Gabriela Amorim, erveira e jornalista. Para a roda, foi organizada uma cartilha sobre preparos com ervas medicinais, com uma tarefa de tempo comunidade para identificação de plantas e receitas utilizadas na comunidade. Assim, as mulheres tiveram orientações de secagem, armazenamento e preparos como: banhos, tinturas, xaropes, etc.

Se estamos aqui evocando a categoria utilizada por Patricia Karina Vergara Sánchez (2022) de insubordinação-memória, ou seja, de uma memória nunca escrita da resistência das mulheres ao longo de milênios de patriarcado, é preciso ressaltar, portanto, a relevância de realizar tais registros, por simples que pareçam. Mãe Stella de Óxossi costumava dizer que “o tempo leva o que não se escreve”, conclamando o povo de terreiro a contar suas próprias histórias, mesmo sendo parte de uma tradição oral. Ela, aliás, registrou em livro as folhas que cantam e curam no candomblé. Registros para que o tempo não leve embora.

Conclusões

Este trabalho reafirma as experiências das mulheres como sujeitos de transformação e as plantas medicinais como guia potencial dos processos de auto organização das mulheres em seus territórios. Neste relato, pode-se evidenciar inúmeras atividades envolvendo desde o cultivo até a comercialização das plantas medicinais. Mas é válido pontuar a dimensão espiritual no uso terapêutico das ervas, como pontuou as mulheres no círculo de cultura: é preciso acreditar. Os encontros possibilitaram a valorização e visibilidade ao trabalho e saberes das mulheres, e isto interfere na auto estima das mesmas. Funciona como força motriz para continuar os processos de organização comunitária. Neste sentido, ratificamos a necessidade da Agroecologia numa perspectiva feminista, a fim de propor práticas que valorizam os cuidados e visibilize o trabalho produtivo e reprodutivo, além da troca e doação sustentado em relações não monetárias para manutenção da vida.



Referências bibliográficas

CHIMINI, Letícia. **Produção e reprodução do capital nas economias dependentes e as implicações na questão agrária**: o acirramento das desigualdades e os processos de resistência do campesinato brasileiro. 232 fls. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2021.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

VERGARA SÁNCHEZ, Patricia Vergara. **Siwapajti**: medicina de mulher, memória e teoria de mulheres. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo**: guia prático. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010. 62p. Disponível em: <http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Guia_DRP_Parte1.pdf>. Acesso em: 15 de julho. 2023.

AS-PTA, **O arredor de casa**, 2021. Disponível em: <https://vimeo.com/2670153> Acesso em: 16 de julho. 2023.

ALMADA, Eduardo, SOUZA, Mariana. **Quintais como patrimônio biocultural**. In: Quintais memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Editora UEMJ, 2017. p.13-28.

MPA, **Pensando a alimentação, a fome e a Agroecologia desde o feminismo**. 2021. Disponível em: <https://mpabrasil.org.br/publicacoes/cartilha-pensando-a-alimentacao-a-fome-e-a-agroecologia-desde-o-feminismo/> Acesso em: 16 de julho.2023.

SANTOS. Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

TOLEDO, Víctor M., BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: a Importância Ecológica das Sabedorias Tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.